EXPEDIÇÕES PELO MUNDO DA CULTURA

A CONSOLAÇÃO DA FILOSOFIA

de Boécio
(c.480 – 525)

Resumo da Narrativa

Anício Mânlio Severino Boécio escreveu "A Consolação da Filosofia" no cárcere, aguardando sua execução. Os meios para a redação da obra foram introduzidos na prisão por seu sogro, Símaco, que subornava os guardas. A narração, alternando prosa e verso, transcreve o diálogo entre Boécio e uma mulher misteriosa que o visita, a Filosofia. A "Consolação da Filosofia" teria sido o segundo livro mais lido na Idade Média, perdendo só para a Vulgata. Esta última obra do escritor patrício exemplifica a fusão entre a filosofia antiga e o cristianismo, criando a escolástica. Martin Grabman dizia de Boécio *"ser o último dos romanos e o primeiro dos escolásticos."*

Θ Θ Θ Θ Θ Θ Θ Θ Θ Θ Θ Θ Θ Θ Θ Θ Θ
Π Π Π Π Π Π Π Π Π Π Π Π Π Π Π Π

Livro I

I.1

Eu, que outrora compunha poemas plenos de alegria,
Ai, sou agora forçado a usar de tristes metros!
E eis que as Musas me ditam versos de dor,
E a elegias enchem meu rosto de verdadeiras lágrimas.
Pelo menos elas não foram tomadas de medo
Nem deixaram de ser companheiras neste amargo caminho.

Glória de uma juventude outrora feliz e promissora,
Consolam agora o destino infeliz de minha velhice.
Pois repentinamente veio a inesperada velhice,
E com ela todos os seus sofrimentos.
De repente minha cabeça encheu-se de cabelos brancos,
E o meu corpo cobriu-se de rugas.
A morte do homem é feliz quando, sem atacar os doces anos,
Nos acolhe no momento propício, e atende ao chamado dos doentes.
Mas ah!, como ela sabe se fazer surda aos miseráveis,
E, cruel, ignorar os olhos em prantos!
Quando a malévola Fortuna me favorecia com bens perecíveis,
Quase me arrastou para a queda fatal.
Mas agora, tendo revelado seu vulto enganoso,
Eu imploro, e a morte se nega a vir a mim.
Por que proclamastes muitas vezes minha felicidade, amigos?
Quem se desvia é porque não estava no caminho certo. (págs. 3-4)

I.2

“Enquanto meditava silenciosamente essas coisas comigo e confiava aos meus manuscritos minhas queixas lacrimosas, vi aparecer acima de mim uma mulher que inspirava respeito pelo seu porte: seus olhos estavam em flamas e revelavam uma clarividência sobre-humana, suas feições tinham cores vívidas e delas emanava uma força inexaurível. Ela parecia ter vivido tantos anos que não era possível que fosse do nosso tempo. Sua estatura era indiscernível: por vezes tinha o tamanho humano, outras vezes parecia atingir o céu e, quando levantava a cabeça mais alto ainda, alcançava o vértice dos céus e desaparecia dos olhares humanos. Suas vestes eram tecidas de delicadíssimos fios, trabalhados minuciosamente e feitos de um material perfeito; ela revelou mais tarde ter sido ela própria quem teceu a veste. A poeira dos tempos, assim como acontece com o brilho das antigas pinturas, obscurecia um pouco seu esplendor. Embaixo de sua imagem estava escrito um Pi e em cima um Theta. E, entre essas duas letras, via-se uma escada cujos degraus ligavam o elemento inferior ao superior. No entanto, mãos violentas rasgaram sua veste e cada uma tomou um pedaço dela. Mas ela tinha livros na mão direita e um cetro na esquerda. Quando viu as Musas da poesia junto a mim, cantando versos de dor, ficou muito perturbada e, lançando-lhes olhares inflamados de cólera, disse: ‘Quem permitiu a estas impuras amantes do teatro aproximarem-se deste doente? Elas não só não podem remediar a sua dor como vão ainda acrescentar-lhe doces venenos.’

‘São elas que por lamentos estéreis das paixões matam a acuidade da Razão, fazem com que a alma humana se acostume à dor e não a deixam mais sossegada. Se pelo menos importunásseis um neófito com vossas insídias habituais, eu não daria grande importância, não estaríeis importunando um de meus discípulos. Mas justamente a este, versado nos estudos eleáticos e acadêmicos? Afastai-vos, Sereias de cantos mortais, e deixai que eu e minhas próprias Musas curemos o doente.’

Com essas palavras, o coro harmonioso baixou os olhos com tristeza e atirou-se piedosamente ao solo com o rosto rubro de vergonha. Quanto a mim, estava com os olhos tão cheios de lágrimas que não podia discernir essa mulher que tinha tanta autoridade; calado, atirei-me ao solo e esperei em silêncio o que ela iria fazer. Então ela se aproximou e se sentou ao pé da minha cama e, vendo minha grande tristeza e terrível aflição, deplorou nestes versos a perturbação da minha alma:’ “ (págs. 4-5)

I.3

Oh, quão fundo mergulhou sua mente e,
Abandonando sua própria razão,
Dirigiu-se às trevas exteriores
Quando as delícias da Terra
Alimentam e fazem crescer sua maléfica angústia!
Este homem, outrora livre, estava acostumado
A percorrer os etéreos caminhos a céu aberto.
Ele discernia a luz rósea do Sol
E as constelações da gélida Lua.
Perscrutava a órbita de todas as estrelas mutantes
E, vitorioso, subjugava-as em fórmulas matemáticas.
Ele sabia de onde vinham os ventos violentos
Que elevam as águas do Oceano;
O espírito que anima o curso imóvel dos astros

E por que as águas vespertinas acolhem o astro do levante.

Que lei rege as horas amenas da primavera
Que permite que a Terra se encha de flores
E faz com que, no fim do ano,
O fecundo outono amadureça as grossas uvas.
Tudo isso o enchia de curiosidade, e ele encontrava
As explicações nos mistérios da Natureza.
Mas ei-lo aqui, prostrado,
Desprovido de sua inteligência,
Com a nuca curvada sob o jugo
E vergado ao peso do corpo.
E, infeliz, é obrigado a fixar os olhos no chão. (págs. 3-6)

I.4

A mulher diz a Boécio que *"agora é o tempo da emenda, não da lamentação!"*

> *"Mas és tu que outrora foste nutrido com nosso leite, com nosso alimento, que se exercia com uma força viril? E, no entanto, tínhamos te fornecido todas as armas necessárias para venceres, perdeste-as por tua culpa, e com elas vencerias! Tu me reconheces? Por que te calas? É a vergonha ou o abatimento? Oxalá fosse a vergonha! Mas não, é o abatimento que te oprime."* (pág. 7)

Ela põe a mão ternamente sobre o peito de Boécio e diz que ele nada deve temer e que ela lhe vai abrir os olhos. Depois disso ela enxuga as lágrimas de Boécio.

I.5

> *"Então se dissiparam as trevas noturnas, e a meus olhos foi dada a capacidade de discernir novamente a luz."* (pág. 7)

I.6

> *"E dessa forma foram dissipadas as nuvens da tristeza; fui iluminado pela luz celeste e recebi o discernimento para contemplar aquela face.*
> *E, mal dirigi o olhar a ela, reconheci minha antiga nutriz, que desde a adolescência freqüentava a minha mente: era a Filosofia."* (pág. 8)

Perguntada o que faz ali, a Filosofia responde que para ela *"não é lícito deixar caminhando sozinho um discípulo seu."* Lembra o caso de Sócrates que por ela, a Filosofia, foi transformado em imortal.

> *"Mais tarde. A turba do popular Epicuro, os estóicos e muitos outros ainda disputavam sua herança. Nem reclamando nem resistindo, escapei de ser eu mesma parte da presa. A veste, que eu havia tecido com minhas próprias mãos, foi rasgada e arrancada, e os que fizeram isso partiram com os farrapos pensando tê-la inteira. E, como reconheciam nesses farrapos vestígios de minha túnica, algumas pessoas desavisadas tomaram aqueles malfeitores por discípulos meus e foram levados por eles ao erro e ao engano. Pois, se nem do exílio de Anaxágoras, do veneno dado a Sócrates ou dos tormentos de Zenão ouviste falar, pelo menos de Cânio, Sêneca e Sorano, cuja fama não é por demais antiga, e da qual ainda se conserva a memória, podes facilmente estudar a doutrina. O que os levou a serem malvistos foi que, imbuídos de meus princípios morais, eles eram totalmente distintos da turba."* (págs. 8-9)

I.8

Boécio reclama do modo como a Fortuna o tratou. Culpa a Filosofia por ter ditado, pela boca de Platão, que *"seriam felizes os estados governados pelos sábios ou que consagrassem à filosofia."*

> *"Tu, pela boca do mesmo filósofo, me persuadiste de que os sábios deveriam governar os estados, para impedir que o governo caísse nas mãos de pessoas sem escrúpulos e sem palavra, e que fosse uma praga para os bons. Então eu, inflado por essa supremacia e com os ensinamentos que foram dados no início e longe da multidão, decidi aplicá-los na vida política. Tu sabes, e também Deus, que te fez penetrar no coração dos sábios, que apenas o desejo de realizar o bem geral me arrastou à política."* (pág. 11)

I.10

A Filosofia diz a Boécio que ele não foi desviado de sua pátria, mas baniu-se dela.

> *"De fato, não podias ser banido por ninguém. Se te lembrasses de tua verdadeira pátria, saberias então que ela não era, como a Atenas de outros tempos, governada pela opinião da maioria, mas 'por um só mestre e um só rei'*[1]*, que se alegra com o crescimento de seu povo, e não com o banimento. De fato, deixar-se guiar e frear por ele e obedecer à sua justiça: nisso consiste a verdadeira liberdade. Por acaso ignoras uma antiqüíssima lei de tua cidade, que proíbe serem expulsos os que a escolheram como pátria? Com efeito, estando ao abrigo de seus muros e fortificações, não se deve temer o risco de ser exilado."* (pág. 18)

Mencionando o pedido que Boécio fizera a Deus, a Filosofia assevera:

> *"Mas eis que tua alma foi grandemente perturbada por sofrimentos e sentimentos de cólera e desespero que te puxam por todos os lados e te fazem ter disposições de espírito tais que não é possível ainda tratar-te com um remédio eficaz. Dessa forma, por um tempo usaremos de alguns remédios paliativos: assim, a espessa casca que a desordem de tuas emoções acabou por transformar num tumor será removida, primeiro por uma leve massagem que a preparará para ser tratada mais tarde por um medicamento eficaz." (pág. 19)*

I.12

A Filosofia pede permissão para interrogar Boécio *"para saber que tipo de cura deve aplicar."*

> *"E ela disse: 'Achas que este mundo é conduzido por fatos acidentais e governado pela Fortuna, ou achas que é governado por uma Razão? Eu respondi: 'Seria impossível crer que um universo tão bem ordenado fosse movido pelo cego acaso: sei que Deus preside aos destinados à Sua obra, e nunca me desapegarei dessa verdade."* (pág. 20)

A Filosofia se declara surpresa com ele estar doente da alma, tendo pensamentos tão elevados. Continua a indagação, perguntando se Boécio sabe o que é um homem. Tendo ele respondido ser o homem *"um animal racional e mortal"*, ela conclui:

> *"Agora reconheço uma outra causa principal: deixaste de saber o que tu és. Assim, desvendei completamente a causa de tua doença, bem como a maneira de te curar. De fato, é devido ao esquecimento que estás perdido, que te lamentas de ter sido exilado e privado de teus bens. É porque desconheces qual é a finalidade do universo que imaginas serem felizes e poderosos os que te acusaram. É porque esqueceste as leis que regem o*

[1] Homero, Ilíada.

> *universo que julgas que a Fortuna segue seu curso arbitrário e que ela é deixada livre e soberana."* (pág. 21)

Tendo diagnosticado a doença de Boécio, a Filosofia decide tratá-lo prudentemente, tentando *"por um tempo dissipar por atividades sutis e mesuradas as trevas de tuas impressões enganosas, para que possas (Boécio) reconhecer o brilho da verdadeira luz."*

Livro II

Iniciando a terapia, a Filosofia declara:

> *"Se eu compreendi perfeitamente as causas e a natureza de tua doença, creio que é por sentires profundamente a perda de tua Fortuna anterior que desfaleces. É apenas o que tomas por uma reviravolta da Fortuna que agita teu espírito. Conheço todos os multiformes embustes que ela usa para enganar os homens até torná-los loucos e desesperados, abandonando-os em seguida a qualquer momento."* (pág. 25)

Ela convoca então a Retórica, "*que só não se desvia do caminho quando segue as suas instruções"* e a Música para ajudar. Começa dizendo: *"O que houve, homem, para que mergulhasses na melancolia e no desespero? Sem dúvida, viste algo de novo e extraordinário. Pensas que a Fortuna mudou a teu respeito? Enganas-te."*

> *"Ela era a mesma quando te lisonjeava, ou quando fazia de ti seu joguete prometendo-te miragens. Descobriste a dupla visão desse poder cego. Enquanto ela ainda dissimula seu verdadeiro semblante aos outros, diante de ti ela se desmascarou completamente."* (pág. 26)

A Filosofia demonstra o pequeno valor da Fortuna que, por sua inconstância, passa de um extremo ao outro. *"Se sua duplicidade te horroriza, despreza-a, afasta-a de ti: seus jogos são funestos."* Demonstra que não é possível submeter-se aos caprichos da Fortuna e *"ao mesmo tempo sustar a rápida revolução de sua roda"*, porque aí *"Fortuna não seria mais a Fortuna."*

II.3

A Filosofia discursa a Boécio como se fosse a própria Fortuna, para que ele compreenda o outro ponto de vista.

> *"Quando a Natureza te fez sair do ventre de tua mãe, estavas totalmente nu e não tinhas nada. Fui eu quem te acolheu, tratou com o maior cuidado e, se não me suportas mais, é porque te elevei muito, dedicando-me muito à tua causa, e fui excessivamente pródiga em relação a ti. Mas agora decidi retirar minha mão de teu ombro. Tu deverias agradecer-me o usufruto de bens que não te pertencem e não tens o direito de te queixares como se tivesses perdido os teus próprios. Por que então essas lamentações? Não foste agredido de nenhum modo por mim!"* (pág. 28)

> *"O Céu tem o direito de oferecer dias plenos de luz e depois fazê-los desaparecer nas trevas da noite. O Ano tem o direito de cobrir por um período a terra de flores e frutas, e depois torná-la irreconhecível enviando chuvas e geadas. O Mar tem o direito de um dia ser amável, apresentando uma superfície calma, e noutro de agitar as ondas sublevadas pela tempestade. E, quanto a mim, é o desejo sempre insatisfeito dos homens que pretende me obrigar a fazer prova de uma constância incompatível com minha própria natureza."* (págs. 28-29)

> *"Não aprendeste, na tua infância, 'sobre as duas ânforas, uma cheia de males e outra de bens'[2], colocadas na entrada da morada de Júpiter? Quem diz que já não saciaste de teu lote de bens? E que eu já te abandonei completamente? E que essa inconstância, que é precisamente minha principal característica, não te dá a esperança de uma nova reviravolta na Fortuna? Seja como for, não te deixes ficar completamente tomado pela tristeza e, já que vives num reino cujas leis são as mesmas para todos, não desejes viver sob tua própria jurisdição."* (pág. 29)

II.4

Desafiado pela Filosofia a rebater estes argumentos, Boécio retruca: *"Sim, essas são brilhantes palavras impregnadas do mal da retórica e de música, mas elas encantam apenas no momento em que se as ouve. As pessoas que sofrem sentem mais profundamente sua tristeza e, quando seus ouvidos cessam de escutar essas doces consolações, a melancolia enraizada toma seu lugar."* A Filosofia reconhece o valor deste sentimento e adverte não ter ainda ministrado os remédios adequados, mas lembra-o da fortuna que teve quando, por ocasião da morte do pai, ter sido *"elevado junto aos homens de maior projeção"* e freqüentado as casas mais distintas do Estado.

> *"Não mencionarei – ou melhor, prefiro não mencionar – os privilégios que foram reservados somente a ti: cargos honoríficos que assumiste mesmo quando jovem, quando eles eram negados a pessoas mais velhas, mas eu me alegro sobremaneira em recordar aquilo que foi o apogeu de tua glória. Se os sucessos humanos concorrem para a definição da felicidade, como é que algumas adversidades, mesmo consideráveis, poderiam apagar de tua memória o extraordinário dia em que viste teus dois filhos, cônsules na mesma legislatura, fazerem-se escoltar desde a tua casa até o Fórum pelos senadores e todo o povo e quando, tomando eles seu lugar na Cúria e assentando-se sobre a cadeira curul, tu pronunciavas o panegírico do rei que tornou célebres tua inteligência e tua eloqüência e quando, no Circo, entre os dois cônsules, tu, com a generosidade de um triunfador, cumulavas de bens a multidão que vinha atrás de ti?"* (págs. 31-32)

II.7

Diz Boécio

> *"Tens razão, ó mãe nutriz de todas as virtudes, e não posso negar a rapidez da minha ascensão. Mas é precisamente essa lembrança que me fere mais. Com efeito, em toda reviravolta da Fortuna, não há maior desgraça do que ter conhecido a suprema glória."* (pág. 33)

A Filosofia retruca dizendo que a Fortuna não havia sido de todo cruel com ele: seu sogro, sua mulher e seus filhos estavam vivos. Boécio concorda com certa relutância, o que faz a Filosofia concluir serem os homens insaciáveis.

> *"Em suma: ninguém está contente com a sua situação, e cada situação comporta um aspecto que não se nota a menos que seja experimentado, e quem o experimenta sabe quão ruim ele é. Acrescento ainda o caso das pessoas mais favorecidas pela Fortuna, cuja sensibilidade aumenta na medida de sua felicidade; a menor adversidade as abate: é preciso muito pouco para tirar os afortunados de sua felicidade; a menor adversidade as abate.*
> *Quantos não se sentem desgraçados ao mais leve golpe da Fortuna? Considera quantos não se sentiriam muito afortunados se tivessem uma pequena parte daquilo que a Fortuna te deixou!"* (pág. 35)

---

[2] Homero. Ilíada

A Filosofia chega à conclusão de que a condição humana é digna de lástima, *“uma vez que, naqueles que se satisfazem facilmente, ela não dura para sempre, e que aqueles que se beneficiam muito dela estão sempre descontentes.”* Ela decide mostrar a Boécio que a verdadeira felicidade consiste em se ter aquilo que a morte não consegue arrebatar e que isto não pode estar no mundo material, porque a morte faz cessar o sucesso material dado pela Fortuna. *“Então pergunto: como a vida na Terra poderia tornar os homens felizes, se muitos só encontram a felicidade em seu termo?”*

II.9

Neste altura da terapia, a Filosofia decide usar remédios mais fortes. Demonstra que têm verdadeiro valor apenas os bens que pertencem apenas a nós, o que não é o caso das riquezas, que parecem *“ter mais valor quando se vão do que quando são adquiridas.”*

> *“Uma vez que não é possível manter algo que só tem valor se for trocado, o dinheiro só tem valor quando muda de mãos e deixamos de possuí-lo. Por outro lado, se todo o dinheiro do mundo estivesse concentrado nas mãos de uma só pessoa, ninguém mais o teria. Muita gente no mundo se empenha em obter riquezas a todo custo, mas elas devem ir necessariamente para as mãos de outros, e portanto diminuem. E, assim, os que as possuíam devem necessariamente ficar mais pobres. Portanto, como são limitadas e lastimáveis essas riquezas que não podem ser possuídas em sua totalidade por muitos ao mesmo tempo, nem se tornar propriedade de um sem deixar outro mais pobre”!* (pág. 38)

Argumenta que o brilho das pedras preciosas são *“a luz própria das pedras, não dos homens”* e considera surpreendente que tais coisas suscitem nos homens tamanha admiração.

> *“Mas por que todo esse alarde com relação à Fortuna? Creio que é por temeres a carência e desejares a abundância.*
> *Ora, isso te leva ao resultado inverso. Na verdade, é motivo de grande preocupação ter de zelar por seus objetos preciosos, quando se os tem em grande quantidade, e também é verdade que as preocupações aumentam à medida que aumentam as riquezas, enquanto a preocupação diminui quando não damos grande importância a essas coisas, nos contentamos com o que nos dá a Natureza e não temos uma ambição muito grande. Acaso não tens verdadeiramente nenhum bem que seja teu próprio e inerente à tua natureza, para que seja preciso procurares bens em objetos externos e estranhos a ti? A ordem das coisas se inverte a tal ponto que um ser vivo, racional e feito à imagem de Deus, crê poder distinguir-se apenas pela posse de objetos sem vida!”* (págs. 39-40)

Insiste em acusar a natureza humana de buscar objetos sem importância *“sem noção da desigualdade da troca e da ofensa que fazeis ao Criador.”*

> *“Ele, o Criador, quis que os homens estivessem acima de todas as criaturas terrestres, e vós vos aviltais colocando-vos abaixo do que é mais vil. Com efeito, se é evidente que todo o bem pertencente a outro vos parece mais valioso do que para aquele que o possui, quando considerais que os objetos mais insignificantes são bens para vós, então vos colocais a vós mesmos como inferiores a esses objetos. E, de fato, esse raciocínio é exato; pois assim é a natureza humana: superior a todo o resto da criação quando usa de suas faculdades racionais, mas da mais baixa condição quando cessa de ser o que realmente é. Nos animais, essa ignorância de si mesmos é inerente à sua natureza; no homem, é uma degradação. Como é grande o vosso erro, quando pensais em vos exaltar com coisas externas! É algo inconcebível! E ademais, quando alguém se distingue pelos ornamentos que ostenta, são os ornamentos que são admirados, e não quem os traz. E afirmo ainda: não há bem material que não cause algum mal a quem o possui. Dirás que minto? Tu não o negarias. Ora, as riquezas muitas vezes lesaram quem as possuía, principalmente porque os ladrões e os perversos, ávidos dos bens dos outros, acreditam ser seu direito*

possuir todo o ouro e coisas preciosas do mundo. Assim, se tu temes encontrar um agressor armado de uma espada e um punhal, se tivesses entrado na estrada da vida sem fortuna, poderias viver cantando ao lado do ladrão. Estranha felicidade esta, proporcionada pelos bens terrestres: só se pode possuí-la ao custo da própria tranqüilidade!" (págs. 40-41)

II.11

Passando das riquezas materiais para as honras e o poder, a Filosofia insiste em que a virtude não se adquire por causa das honrarias, mas são as honrarias que são acrescentadas a ela.

> *"E de que se trata afinal esse poder que achais tão desejável e vos comove tanto? Pobres mortais! Não vedes quem sois e a quem acreditais comandar? Se vísseis numa assembléia de ratos um deles reivindicar e querer exercer sua autoridade sobre todos os outros ratos, com que gargalhadas não seria recebida essa sua pretensão?"* (pág. 43)

A filosofia demonstra que o poder verdadeiro é do espírito livre, porque a ele não se pode dar ordens.

> *"É possível abalar a resolução de um espírito firme e perturbar sua tranqüilidade? Um tirano que pensasse poder fazer, por meio da tortura, um homem livre denunciar os pretensos cúmplices de uma rebelião contra ele veria o seguinte procedimento: o homem livre e honesto morderia a própria língua, parti-la-ia e a cuspiria no rosto do tirano. Assim, as torturas que o tirano considerasse instrumentos de crueldade e pavor tornar-se-iam para o sábio uma oportunidade de mostrar sua virtude."* (pág. 43)

A Filosofia conclui o exame do problema.

> *"O fato é o seguinte: é que vós vos costumais dar às coisas, independentemente do que elas são, denominações falsas, cujo caráter enganador se revela facilmente quando passam pelo crivo da verdade, que elas costumam esconder. E é por esse motivo que não podemos verdadeiramente falar delas como sendo riquezas, poder ou honrarias. Enfim, podemos dizer o mesmo a respeito da Fortuna: não há nada nela que mereça ser procurado, não há nada nela que seja intrinsecamente bom, uma vez que ela também beneficia pessoas más e não é capaz de tornar bom aquele que a ela se associa."* (págs. 44-45)

II.13

Como Boécio contra-argumenta que nunca buscou fundamentalmente a *"ambição de sucesso neste mundo"*, mas apenas tentou evitar que suas habilidades ficassem inativas, a Filosofia o alerta sobre a pequenez e futilidade de tal motivação, lembrando que os cálculos de Ptolomeu demonstram que os seres humanos habitam uma ínfima parcela do universo e até do planeta: *"E o que tem de grandioso e magnífico na glória humana, restrita a limites tão estreitos?"*

> *"Segue-se daí que o homem que busca a fama não tira o menor proveito de ter seu nome espalhado pela multidão dos povos. Cada um, portanto, se satisfará em ver sua fama propagar-se entre os seus, e a sua tão falada imortalidade se restringirá às fronteiras de uma só nação. E quantos homens que foram célebres em seu tempo não caíram no esquecimento por não terem deixado nenhum escrito! No entanto, qual a utilidade de tais escritos, que desaparecem junto com seus autores na escuridão do tempo? Quanto a vós, credes assegurar vossa imortalidade ao pensar na fama de que gozareis no futuro. Mas se consideras seriamente o infinito da eternidade, por que razão te alegras da longevidade de tua fama?"* (pág. 47)

(...)

"Segue-se que a fama de alguém, seja qual for sua extensão, se comparada à eternidade, cujo fim jamais se atinge, mostra-se não apenas de pouco impacto, mas, na realidade, quase inexistente. E ainda por cima vós, para obtê-la, deveis granjear o favor do povo e dos vagos boatos para saber como agir de maneira conveniente, desprezando a superioridade da consciência e do mérito: vós buscais vossa recompensa na miserável ralé." (págs. 47-48)

(...)

"Além disso, qual o lucro que as pessoas de mérito têm – pois é delas que eu falo – em buscar a glória com suas virtudes, uma vez que tudo acaba com a morte e a destruição do corpo? Isso, se é verdade o que dizem (coisa com a qual não posso absolutamente concordar): que extintos os homens, sua fama cessa com eles, pois ela se atribui a alguém que já não existe. Mas e pelo contrário a alma, consciente de si mesma, ganha os céus depois de se libertar desta prisão terrestre, não irá ela desprezar todas as suas antigas preocupações, uma vez que, tendo ganhado o Céu, pouco se importará com tudo o que é terrestre?" (pág. 48)

II.15

"Mas não quero que penses que estou a travar um combate impiedoso contra a Fortuna; por vezes acontece de ela não enganar os homens, mas esclarecê-los. Tal é o caso quando ela se desmascara e mostra seus métodos de ação. Talvez não compreendas ainda o sentido de minhas palavras. Há um motivo para ficares surpreso com minha impaciência de contar-te tudo, e a razão é que encontro dificuldade em achar as palavras adequadas para exprimir meu pensamento. Eis o que penso: A Fortuna é mais benéfica aos seres humanos quando se mostra adversa do que quando se mostra favorável." (pág. 50)

(...)

"Acaso achas de pouca importância o fato de esta severa e temível Fortuna te revelar quem são teus verdadeiros amigos, distinguir a franqueza e a hipocrisia de teus companheiros e levar o que te foi dado por ela para deixar apenas o que é teu? Por que preço buscarias adquirir esse discernimento quando não estavas abalado pela Fortuna e te acreditavas feliz? Agora, tu te queixas da ruína; contudo, encontraste por isso mesmo tua mais preciosa riqueza: teus verdadeiros amigos." (págs. 50-51)

Livro III

III.1

Sentindo-se fortalecido, Boécio pede à Filosofia que lhe administre os remédios que antes pareciam *"fortes demais."* A Filosofia anuncia então a Boécio que iria conduzi-lo à verdadeira felicidade.

III.3

"Os mortais têm todos uma única preocupação pela qual não medem esforços, seja qual for o caminho tomado, o objetivo é sempre o mesmo: a felicidade. Ora, trata-se de um bem que, ao ser obtido, não deixa lugar para nenhum outro desejo. E é realmente o bem supremo, que contém em si mesmo todos os bens. É para aí, como dissemos anteriormente, que todos os mortais se dirigem pelos mais diversos caminhos. Com efeito, todos os homens têm em si o desejo inato do bem verdadeiro, mas os erros de sua ignorância desviam-nos para falsos bens." (pág. 55)

Entre os falsos bens estão as riquezas, o prestígio entre os concidadãos, o poder supremo: *"A maioria acredita ter obtido o soberano bem quando estão alegres e contentes: a seus olhos a suprema felicidade consiste em se embriagar no prazer. Para alguns, esses bens se transformam indiferentemente em meio ou fim. Dessa forma, vemos homens desejar a riqueza para adquirir o poder, enquanto outros buscam o poder tendo em vista a glória ou a riqueza."*

> *"Mas nós tínhamos definido bem supremo como sendo a felicidade; dessa forma, cada um considera que a felicidade reside naquilo que deseja mais do que qualquer outra coisa. Assim, tens sob teus olhos as diversas formas de felicidade que os homens concebem: riquezas, honras, poder, glória, prazeres. É sem dúvida alguma pelo fato de tomar apenas tais coisas em consideração que Epicuro, seguindo a lógica, foi persuadido de que o soberano bem fosse o prazer, uma vez que todos os outros bens tendem para o prazer."* (pág. 56)

III.5

> *"Vós também, criaturas terrestres, mesmo se a concebeis de maneira imprecisa, podeis ver em sonhos vossa origem e entrever o verdadeiro fim que é a felicidade através de uma percepção que, embora não seja clara, tem ao menos o mérito de existir; e é por essa razão que, de um lado, vossa inclinação natural nos leva ao verdadeiro bem, mas, de outro, vossa cegueira quanto aos seus inumeráveis aspectos afasta-vos dele."* (pág. 59)

Isto acontece, continua a Filosofia, porque estes bens não oferecem o que foi realmente prometido, tampouco conseguem saciar o espírito: *"Reconheces então que não estavas satisfeito no meio daquele monte de riquezas?"* pergunta a Filosofia à Boécio. Como Boécio responde *"sim"* a Filosofia o faz notar que o dinheiro não tem a propriedade de não ser roubado e que é necessária ajuda alheia para protegê-lo.

> *"Por conseqüência, chegamos a uma conclusão que contradiz a hipótese inicial: com efeito, as riquezas, que eram buscadas para se atingir a independência, tornaram na verdade seu possuidor dependente de ajuda alheia. Ora, de que maneira as riquezas podem nos libertar de certas dependências? É verdade que os ricos não passam fome nem sede. Seu corpo também não sente o frio invernal. Sim, dir-me-ás, os ricos têm sempre com o que matar a fome, a sede, o frio. Dessa forma, as riquezas podem sempre tornar mais suportável a dependência, mas elas não a suprimem. Com efeito, se a necessidade, esta eterna boca escancarada ao fluxo das coisas, encontra a sua satisfação nas riquezas, resta sempre uma nova necessidade a ser satisfeita. Isso sem dizer que é preciso muito pouco para satisfazer a Natureza, enquanto nada é o bastante para a voracidade. Assim, se as riquezas, longe de evitarem a necessidade, criam sua própria necessidade, como poderíeis crer que elas podem oferecer uma garantia de independência?"* (págs. 60-61)

III.7

> *"Mas tu me dirias: 'As honrarias e os altos cargos proporcionam àqueles que os exercem honra e dignidade.' O quê? Acaso as magistraturas possuem a propriedade de dotar de virtude as pessoas que as exercem e livrá-las dos seus defeitos? Ocorre o contrário! Longe de fazer desaparecer a corrupção, elas a põem à mostra; é o que explica nossa indignação ao vê-las cair nas mãos dos criminosos: eis por que Catulo, sem levar em conta a cadeira curul onde se assentava Nório, deu-lhe o apelido de "Estruma" (chaga horrenda)."* (pág. 62)

A Filosofia discorre sobre o fato de não haver coincidência entre virtude e poder: *"É com efeito impossível adivinharmos porque as funções honoríficas dignas de respeito são ocupadas precisamente por pessoas que estimamos indignas."*

Um homem sábio, ao contrário, é sempre virtuoso e *“o mérito possui efetivamente uma dignidade que lhe é própria e que se comunica imediatamente às pessoas de bem.”* Contrastando com esta virtude universal e incondicionada, as honras políticas são particulares e relativas:

> *“E para que reconheças que essas honras, que não têm valor em si mesmas, não proporcionam o verdadeiro respeito, faço-te a seguinte pergunta: se um homem que já exerceu por várias vezes a função de cônsul encontra-se de passagem entre os povos bárbaros, essas distinções honoríficas torná-lo-ão mais respeitável aos olhos daqueles povos? Ora, se as honrarias possuíssem algum poder por si mesmas, elas sempre se distinguiriam onde quer que fosse, tal como o fogo que aquece da mesma maneira por toda a Terra; mas uma vez que essas distinções não possuem tal propriedade, ao contrário da falsa opinião dos homens, mostram-se insignificantes assim que se apresentam a pessoas que não as consideram honrarias.”* (pág. 63)

III.8

> *“Revestia-se insolentemente da púrpura*
> *De Tiro e de pétalas preciosas.*
> *Todos, no entanto, indignados, detestavam*
> *Nero e seus excessos devastadores.*
> *Às vezes esse desavergonhado oferecia aos*
> *Veneráveis senadores cadeiras curuis sem prestígio;*
> *Pois quem consideraria uma coisa boa ver*
> *Conferidas a si honrarias das mãos de um crápula?”* (pág. 64)

III.9

> *“A realeza e a familiaridade com os reis podem tornar alguém poderoso? Não posso negá-lo, se sua felicidade dura até o fim de sua vida; mas a Antigüidade e nosso século mesmo oferecem centenas de exemplos de reis cuja felicidade se transformou em catástrofe. Ó raro poder que não consegue nem conservar-se a si mesmo! Pois, se o poder real proporciona a felicidade, não é necessário admitir que, assim que ele diminui, a felicidade também diminui e o infortúnio começa?”* (pág. 64)

Confirmando a tese, a Filosofia indaga se pode ser realmente poderoso o *“homem que quer mais do que pode, que só anda cercado de guardas, que teme mais do que é temido e cujo poder se manifesta apenas com o consentimento de seus subordinados.”*

III.10

> *“Quem quer ser poderoso*
> *Que domine suas ávidas paixões*
> *E não se abandone ao prazer,*
> *Companheiro tão vergonhoso.*
> *Mesmo se nos confins da Terra*
> *O Indo obedece às tuas leis*
> *E Tule mesmo treme à tua voz,*
> *Afasta teus negros desejos,*
> *Cessa de ter complacência contigo*
> *Senão, não serás poderoso.”* (págs. 65-66)

III.11

"Quanto à glória, quantas vezes ela nos engana! Como ela é vergonhosa! Assim, o trágico estava com a razão ao exclamar: 'Ó glória, ó glória! Quantos vis mortais, Graças a ti, desonraram a história com seus nomes!'[3]

"Muitas pessoas, com efeito, devem seu renome às opiniões errôneas da multidão: o que pode ser mais vergonhoso que isso? Aqueles que são festejados injustamente devem certamente enrubescer ao ouvir os elogios que lhe são feitos. E, mesmo quando o mérito está na origem da glória, o que pode ela acrescentar à consciência do sábio, que avalia o que é bom ou não em si, e não se apega ao rumor do público, mas à verdade de sua consciência?" (pág. 66)

III.13

"E o que eu poderia dizer dos prazeres sensuais, cuja busca é sempre acompanhada de tormentos, e a satisfação, de remorsos? Quantas doenças, quanto sofrimento freqüentemente trazem como conseqüência de seus exageros àqueles que os desfrutam? Confesso ignorar que tipo de atrativo pode-se encontrar aí. Mas basta que lembremos as antigas paixões para reconhecermos que elas sempre acabavam em sofrimento. E, se os prazeres podem conduzir à felicidade, por que então não afirmaríamos que também os animais conhecem a felicidade, uma vez que todos os seus esforços tendem à satisfação de uma necessidade física?" (pág. 68)

III.15

"Portanto, está fora de dúvida que esses caminhos para a felicidade levam a um beco sem saída e não ao lugar aonde prometeram levar. Mostrar-te-ei como essas metas são mal conduzidas desde o princípio. Vejamos: tu queres te esforçar para ficar rico? Mas para isso terás de tornar alguém pobre. Pretendes alcançar o brilho das honrarias? Mas para isso será necessário suplicar àqueles que as conferem, e tu, que pretendestes eclipsar os outros, deverás humilhar-te com tuas súplicas. Ambicionas o poder? Lembra-te de que sempre correrás o risco de uma traição por parte dos teus subordinados e estarás sujeito a muitos perigos. Procuras então a glória? O caminho é árduo, difícil e cheio de perigos. Desejas levar uma vida de prazeres? Ora, quem não desprezaria e rejeitaria o escravo de uma coisa tão banal e vulnerável como o teu corpo?" (pág. 69)

III.17

" 'Até agora eu te mostrei as falsas formas de felicidade, e que isso baste. Chegou o momento de te mostrar a verdadeira.' E eu disse: 'Vejo claramente que não se pode encontrar a independência nas riquezas, nem o poder no exercício das magistraturas, nem o reconhecimento público nas funções honoríficas, nem a celebridade na glória e tampouco o contentamento nos prazeres." (pág. 71)

Perguntada por Boécio por que isso ocorre, a Filosofia explica que *"o erro humano divide o que é por natureza simples e indivisível, e transforma o verdadeiro no falso e o perfeito no imperfeito."*

A Filosofia explica a Boécio que é a procura da parte e não do todo que empurra o homem para a falsa felicidade. Boécio concorda.

[3] Eurípedes, Andrômaca

> *“Na realidade, se eu não estou enganado, a verdadeira e perfeita felicidade é aquela que torna um homem completamente independente, poderoso, respeitável, ilustre e feliz. E a prova que dou de ter compreendido tudo é que reconheço sem hesitação que é absolutamente feliz aquele que pode realizar apenas um dos bens citados previamente, já que eles são todos o único e mesmo bem.’ Ela respondeu: ‘Meu caro discípulo! Essa maneira de pensar fará a tua felicidade se lhe acrescentares o que se segue.’ ‘E o que é?’, perguntei. ‘Esses bens mortais e perecíveis têm, segundo pensas, a menor possibilidade de te proporcionar um tal estado de felicidade?’ Respondi: ‘De forma alguma, tu me convenceste inteiramente desse fato.’ ‘Assim, os mortais obtêm apenas aparentes felicidades ou bens imperfeitos e não o verdadeiro e perfeito bem.’ ‘Estou convencido disso’, disse eu. ‘Nessas condições, já que sabes distinguir a verdadeira felicidade de suas cópias, resta-te apenas descobrir onde podes encontrar a verdadeira felicidade.’ ‘É isso mesmo que há muito tempo ansiosamente procuro saber.’ E ela disse: ‘Mas já que, como diz nosso caro Platão no Timeu, é preciso, mesmo em ocasiões sem grande importância, implorar o auxílio divino, que achas que devemos fazer agora, para merecermos saber onde reside o bem supremo?’ ‘Invocar o Pai de todas as coisas, pois esse é o ritual com que se começam todas as coisas, respondi.’ ‘Tens razão’, disse ela...”* (págs. 73-74)

III.19

> *“Desse modo, uma vez que já viste as formas que reveste o bem imperfeito assim como as que reveste o bem perfeito, creio agora ser preciso te mostrar onde se encontra a perfeita felicidade. A esse respeito julgo ser necessário antes de tudo perguntarmos se um bem tal como o que acabas de definir pode existir na realidade deste mundo; caso contrário, poderíamos passar ao lado da verdade sem vê-la e deixarmo-nos enganar por uma representação ilusória de nossa imaginação. No entanto, sabemos que esse bem existe e é a fonte de todos os bens, o que é inegável. Com efeito, tudo o que é tido por imperfeito o é devido a uma degradação da perfeição. Segue-se que se, em qualquer campo que seja, algo parece imperfeito, é porque existe também necessariamente nesse campo algo que seja perfeito. Pois, se não admitimos que a perfeição existe, não poderíamos sequer imaginar como aquilo que é tido por imperfeito possa existir.”* (pág. 76)

A Filosofia explica a Boécio que o universo não foi criado a partir de elementos degradados e incompletos, mas teve sua origem a partir de elementos intactos e acabados, mas que acabou em imperfeição.

> *“Agora, se queres saber onde ela (a perfeição) se encontra, eis como deves raciocinar. Todos os homens concordam em afirmar que Deus, princípio de todas as coisas, é bom. E, como não podemos conceber nada melhor do que Deus, quem poderia duvidar de que aquilo que é melhor que todo o resto seja bom? Portanto, nossos raciocínios mostram que Deus é bom a tal ponto que está fora de dúvida que o bem perfeito também está presente nele. Caso contrário, Deus não poderia ser o princípio de todas as coisas. Pois, se houvesse algo que possuísse o bem perfeito e parecesse ser anterior a Deus e mais velho que ele, isso teria preeminência sobre Deus, pois tudo o que é perfeito parece evidentemente ser o primeiro quanto a algo que é de certa forma derivado. Eis por que, para evitar prolongar o raciocínio infinitamente, é preciso admitir que o Deus soberano contém o perfeito e soberano bem. Mas nós tínhamos estabelecido que o bem perfeito é a verdadeira felicidade, portanto a verdadeira felicidade reside necessariamente no Deus soberano.”* (pág. 77)

Como Boécio concorda, a Filosofia o adverte que Deus e a felicidade são a mesma substância, porque a felicidade é o soberano bem e nada pode existir acima de Deus, logo *“é preciso admitir que Deus é a suprema felicidade.”* Ela reforça a tese.

> *“ ‘Examinemos agora’, disse ela, ‘se podemos provar tal afirmação de maneira mais sólida partindo da seguinte proposição: não podem existir dois soberanos bens que difiram um do*

> *outro. Pois, quando dois bens são diferentes um do outro, fica claro que um não é o que o outro é, e dessa forma nenhum dos dois pode ser considerado perfeito dado que um falta ao outro. Mas o que não é perfeito evidentemente não é o soberano, portanto é absolutamente impossível que os bens soberanos possam diferir entre si. Ora, havíamos concluído que a felicidade e Deus são o soberano bem, portanto é precisamente a divindade soberana que é a felicidade suprema."* (págs. 78-79)

A Filosofia demonstra que é pela aquisição de justiça que as pessoas ficam justas; pela aquisição de sabedoria que elas ficam sábias, logo é só pela aquisição do divino que elas podem se tornar felizes, *"por conseguinte, todo homem feliz seria um deus."*

Como corolário da proposição anterior, a Filosofia esclarece que aquilo o que se procura sob o nome de felicidade é o bem.

> *"Com efeito, se buscamos a independência é porque a consideramos um bem, e se buscamos o poder é porque ele também é tido como um bem; da mesma maneira podemos raciocinar com relação à consideração social, à celebridade e ao prazer. Por conseguinte, a essência e a causa de tudo o que é desejável é o bem."* (pág. 80)

Como a felicidade e Deus são a mesma coisa, é forçoso reconhecer que o bem reside apenas em Deus, excluindo-se tudo o mais.

III.21

A Filosofia resume o exame do problema até ali.

> *" 'Não havíamos demonstrado que as coisas que muitas pessoas buscam não são bens verdadeiros nem perfeitos, pela simples razão de que eles diferem entre si e que, como um falta ao outro, eles não podem proporcionar bem absoluto em sua plenitude? Ora, não havíamos também demonstrado que o verdadeiro bem somente existe quando todos os bens se reúnem para produzir uma só forma e um só efeito; e também que a independência, o poder, a posição social, a celebridade e mesmo o prazer também são bens mas que, se não estão todos reunidos numa só coisa, por si mesmos não possuem nada que lhes permita ser considerados bens desejáveis?' 'Sim', respondi, 'e quanto a isso não resta mais dúvida.' 'Por conseguinte, as coisas não são bens verdadeiros quando diferem entre si, mas somente quando tendem a formar uma unidade é que começam a sê-lo. Não acontece de elas se tornarem bens quando realizam plenamente sua unidade?' 'Parece que sim', respondi. E ela: 'Mas dize-me sim ou não: concordas que tudo o que é um bem o é pela sua participação no bem supremo?' 'Sim.' 'Tu deves então admitir, devido ao mesmo raciocínio, que o uno e o bem são a mesma coisa: com efeito, as coisas que por natureza não provocam efeitos diferentes têm a mesma substância.' 'É impossível negá-lo', disse eu. E ela acrescentou: 'Sabes então que tudo o que existe subsiste tal qual é durante o tempo em que é uno, e que morre e que se desagrega quando deixa de ser uno?' "*
> (págs. 82-83)

A Filosofia explica esta última consideração, exemplificando que quando o corpo e a alma se separam, o corpo se decompõe. Logo, o que todos os seres vivos fazem é perseguir a unidade e mantê-la a todo custo (exceto em situações excepcionais). Isto vale igualmente para as plantas, já que algumas *"buscam os pântanos, algumas se prendem a rochedos, enquanto outras preferem o árido deserto e, se tentássemos transplantá-las, morreriam."* Só assim se pode compreender que *"todos essas espécies são como mecanismos vivos concebidos não apenas para subsistir por certo tempo, mas também para adquirir cada qual uma espécie de eternidade."*

> *"Quanto aos seres que se acredita serem inanimados, também eles, segundo a mesma lógica, não procuram o que lhes é próprio? Por que o fogo sobe verticalmente levado por*

> *sua leveza, e a terra, devido a seu peso, segue o caminho oposto, senão pelo fato de esses movimentos estarem conformes à sua natureza? Prossigamos nosso raciocínio: tudo o que está de acordo com uma outra coisa a preserva e, no sentido oposto, tudo o que lhe é hostil a destrói. E os corpos sólidos, como as pedras, mantêm suas partes firmes e não se deixam degradar facilmente. Quanto aos líquidos, bem como ao ar e à água, é verdade que se deixam dividir facilmente, mas, uma vez divididos, logo se reconstituem; quanto ao fogo, este é impossível de ser dividido.”* (pág. 85)

A conclusão é de que tudo que existe busca sua perenidade e evita sua destruição a todo o custo. Boécio então conclui que todas as coisas que desejam perpetuar-se precisam ser unas e o uno é precisamente o bem, logo todas as coisas procuram o bem.

> *“E ela exclamou: ‘Oh, meu discípulo, como estou contente! Pois acabas de desvendar aquilo que constitui o centro da verdade! Acabas de dizer precisamente aquilo que julgavas ignorar.’ ‘O quê?’, perguntei. ‘Qual é o fim de todas as coisas?’ ‘Aquilo que sem sombra de dúvida todas as coisas procuram, e, como havíamos concluído que é o bem, temos de reconhecer que o fim de todas as coisas é o bem.”* (pág. 86)

III.22

> *“Se procuramos seriamente a verdade*
> *E não desejamos ser enganados,*
> *Devemos deixar brilhar em nós nossa luz interior,*
> *Concentrar os amplos movimentos do pensamento*
> *E aprender da alma aquilo que ela colheu no exterior.*
> *Ela já possui a verdade, guardada secretamente nela.*
> *Aquilo que antes recobria a negra nuvem do erro*
> *Brilhará mais claramente que o próprio Febo.*
> *Pois a alma não pode resplandecer com todo o seu brilho*
> *Porque o corpo, com sua matéria, deixou-a cair no esquecimento.*
> *Sem dúvida alguma uma semente da verdade permanece na alma,*
> *E ela vem reanimar um ensino esclarecedor.*
> *Como terias tu respondido espontaneamente e de maneira correta*
> *Se algo não te iluminasse no fundo de teu coração?*
> *Se a Musa de Platão proclama a verdade,*
> *Ao ouvi-la lembramo-nos de algo sem nos darmos conta.”* (págs. 86-87)

III.23

> *“Então eu disse: ‘Partilho inteiramente o ponto de vista de Platão, pois já é a segunda vez que tu me dizes essa verdade: na primeira vez perdi a memória devido à contaminação do corpo e, na segunda, quando fui torturado.”* (pág. 87)

Boécio diz ter chegado à conclusão de que este universo, composto por partes tão díspares e opostas entre si, não poderia ser constituído numa forma única sem a existência de um ser único, capaz de reunir elementos tão diferentes. Por outro lado, essa reunião se desfaria e desaparecia devido à disparidade de seus elementos a menos que houvesse um ser único capaz de manter a coesão entre os elementos ligados entre si.

Continuando o raciocínio, a Filosofia demonstra a Boécio que como Deus é o *“bem supremo que dirige com o seu poder todas as coisas e as dispõe com harmonia”* nada pode se opor contra ele, e logo o mal não existe, *“pois mesmo o que pode tudo não pode fazer o mal.”*

Livro IV

IV.1

Boécio, preocupado com a existência do mal, interroga a Filosofia.

> *"Tu, que conduzes à verdadeira luz, sabes que todas as afirmações que me fizeste até agora pareceram-me não só divinas mas também irrefutáveis pela lógica de teus argumentos, e, mesmo se as dores que me foram infligidas fizeram-me esquecer várias argumentações, essas verdades não foram no entanto completamente esquecidas. Mas talvez a principal razão de minhas angústias seja que, apesar da existência de um ser bom que comanda o universo, o mal possa existir e até ficar impune. Isso apenas já é bastante surpreendente, e certamente deves concordar. Mas a situação é pior ainda: enquanto o vício reina e prospera, a virtude não apenas não recebe recompensa alguma, mas também é calcada pelos pés dos celerados e levada ao suplício em lugar do crime. Que tais coisas aconteçam no reino de um Deus onisciente, onipotente e que quer apenas o bem faz com que as pessoas fiquem admiradas e lamentem o fato."* (págs. 95-96)

IV.3

Para apaziguar o espírito de Boécio, a Filosofia demonstra que para que qualquer ação humana surta efeito são necessárias duas condições: a capacidade e a vontade. Relembra-o também já terem os dois concluído que os homens tendem à felicidade: *"Portanto todos, bons e maus procuram com a mesma diligência o bem."* Os bons o atingem porque o desejam e são capazes de o obter, enquanto os maus, embora o desejando, são incapazes, porque são ignorantes.

> *"Vê com efeito com que clareza se revela a natureza dos homens corrompidos, que não podem sequer dirigir-se para onde sua tendência natural os leva – e eu diria até os impele."* (pág. 100)

Aprofundando o raciocínio, ela pergunta se é com pleno conhecimento que eles se desviam esse abandonam ao lucro do mal e conclui.

> *"Mas, nesse caso, não apenas cessam de ser fortes, como simplesmente deixam de ser. Pois aqueles que renunciam àquilo a que tendem todas as coisas cessam ao mesmo tempo de ser. Certamente parecerá estranho dizer eu que os maus, que são a maioria, não existem; no entanto é exatamente o que ocorre. De fato, não afirmo apenas que são maus, mas, sem hesitar, que eles simplesmente não são. Com efeito, tu poderias dizer-me que um cadáver é um homem morto, mas não que é simplesmente um homem; do mesmo modo eu poderia admitir que os malfeitores são homens maus, mas não que eles participam do ser e da essência, no sentido absoluto do termo. Pois para ser é preciso conservar a boa ordenação da alma e preservar a própria natureza; ora, aquele que se afasta de sua natureza renuncia também a ser aquilo de que sua natureza depende."* (pág. 101)

IV.5

> *"Lembra-te agora do corolário que te mostrei agora há pouco, que é sumamente importante e que foi concluído da seguinte maneira: uma vez que o bem em si é a felicidade, fica claro que todas as pessoas de bem tornam-se felizes precisamente porque são boas. No entanto, é evidente que os que são felizes são deuses. Eis, portanto, a*

recompensa dos bons, que nenhum jugo pode alterar e que maldade alguma pode tocar: em verdade, eles se tornam deuses como partícipes da divindade." (pág. 104)

(...)

"Acabaste de aprender que tudo o que é é uno, e essa unidade é o bem, donde resulta que tudo o que é parece também ser o bem. Dessa forma, tudo o que se afasta do bem deixa de existir; os maus deixam de ser, mas o fato de conservarem a aparência física de um ser humano mostra que eles já foram verdadeiros homens. E é assim que, afundando na maldade, eles perdem ao mesmo tempo sua natureza humana. Mas, como somente a bondade pode elevar um homem acima da natureza humana, é necessário concluirmos que a maldade rebaixa os que a ela se aplicam para aquém do nível humano." (pág. 105)

IV.7

Boécio concorda com que as pessoas más tenham perdido sua condição humana e tenham se transformado em bestas, mas prefeririam que elas não pudessem exercer sua *"infâmia e crueldade"* livremente. A Filosofia reage: *"Mas isso não é permitido"*, pois os maus tornam-se necessariamente mais infelizes quando têm sucesso em realizar aquilo que desejam do que quando são incapazes de satisfazer seus desejos. A Filosofia insiste em que não há verdadeiramente liberdade porque *"suas esperanças imensas e suas jogadas ambiciosas levam freqüentemente a um fim brutal e inesperado, o que evidentemente limita sua maldade."*

"Se, com efeito, sua vileza os torna infelizes, o homem médio é necessariamente cada vez mais infeliz enquanto sua vida vai se prolongando, e eu consideraria esses pobres indivíduos os mais infelizes dos homens se a morte não pusesse um fim à sua maldade. E, de fato, se nossas conclusões sobre o desafortunado e a maldade são verdadeiras, fica claro que a infelicidade é infinita quando a maldade é eterna." (págs. 108-109)

Boécio é obrigado a concordar por força das premissas.

" 'Tens razão', disse ela, 'e, se encontrarmos dificuldade em aderir a uma conclusão, é preciso demonstrar que alguma das proposições anteriores é falsa ou então provar que o encadeamento dos raciocínios não conduz necessariamente a essa conclusão; caso contrário tendo sido aceitas as proposições anteriores, não se pode negar a conclusão. O que vou acrescentar, portanto, pode parecer mais surpreendente ainda. Mas é uma conclusão que é o resultado necessário daquilo que foi admitido como verdadeiro.' " (pág. 109)

Por força deste mesmo princípio, uma nova conclusão terá de ser aceita.

"Portanto, os desonestos se beneficiam quando são punidos, pois uma parte do bem lhes é acrescentada – trata-se precisamente de sua punição, que é boa porque é justa -, e essas mesmas pessoas, quando escapam do castigo, adquirem um mal suplementar – trata-se da impunidade que reconheceste ser um mal devido à sua iniqüidade.' 'Não posso discordar', disse eu. 'Portanto, os desonestos são muito mais infelizes se gozam de uma injusta impunidade do que quando recebem a punição merecida.' " (pág. 110)

Boécio concorda mas reage: *"Quando examino teus argumentos, fico persuadido de que não se pode dizer nada de mais verdadeiro. Mas, se considerarmos o juízo dos homens, quem não acharia tuas idéias, já não digo críveis, mas nem sequer audíveis?"*

"É verdade o que dizes, pois as pessoas em geral são incapazes de elevar seus olhos acostumados às trevas em direção à luz da verdade, onde a evidência se impõe, e acabam por ser semelhantes aos pássaros, cujas faculdades visuais se intensificam à noite e

> *desaparecem com a luz do dia. Dessa forma, têm o olhar fixado não sobre a ordem do universo, mas sobre seus próprios sentimentos, e crêem ser felizes por poder cometer todo o tipo de má ação livre e impunemente. Mas vê o que prescreve a lei eterna. Toma por modelo aquilo que há de melhor, e não terás mais necessidade de um juiz que te traga uma recompensa: estarás tu mesmo participando do melhor. Por outro lado, consagra-te ao que há de pior sem encontrar ninguém que te possa punir: seras tu que te precipitarás sozinho no abismo."* (pág. 111)

A Filosofia demonstra que a partir do *"princípio que diz que uma conduta vergonhosa, por sua própria natureza, torna a pessoa que a pratica infeliz, parece-nos que a infelicidade recai não sobre a vítima, mas sobre o autor da má ação."*

> *"Ora, em nossos dias os advogados agem de maneira inversa. Com efeito, é um favor daqueles que sofreram um dano grave e severo que tentam convencer o juiz, enquanto essa piedade deveria manifestar-se principalmente com relação aos culpados; estes deveriam ser chamados à justiça não por acusadores encolerizados, mas benevolentes e cheios de consideração, assim como os doentes que são levados ao médico, de forma que o castigo os curasse completamente do mal ligado aos seus crimes. Nessas condições, a presteza da defesa seria menos grave ou, então, se ela preferisse tornar-se útil, endossaria o procedimento da acusação. E os malfeitores mesmos seriam os primeiros a não considerar seu castigo como sofrimento, ou a juntar-se à solicitude dos defensores "e a se entregarem sem hesitação aos seus acusadores e ao juiz se lhes fosse permitido entrever por uma fresta a virtude que abandonaram e vissem a possibilidade de se livrar do fardo de seus vícios. É dessa forma que os sábios não experimentam a menor parcela de ódio. Pois quem poderia odiar os bons, senão os maus e viciados? Quanto a odiar os malfeitores, isso seria um contra-senso."* (págs. 112-113)

IV.9

Ainda inconformado, Boécio insiste:

> *"Mas agora que vejo ocorrer o contrário, e os castigos reservados aos criminosos se abaterem sobre as pessoas de bem, enquanto os malfeitores se apoderam das recompensas devidas ao mérito, minha surpresa é grande, e gostaria que me explicasses qual é a razão de um tal caos. Pois eu estaria menos surpreso se atribuísse essas desordens aos efeitos do acaso. Mas o que me leva ao extremo do espanto é o fato de que um Deus bom governa o universo!"* (pág. 114)

A Filosofia retruca dizendo que *"não surpreende que se consideramos acidente e caótica uma situação quando ignoramos as leis que a regem."*

IV.11

A Filosofia admite que a questão é complexa: *"E, de fato, a questão é de tal ordem que, se tocamos um só dos problemas que comporta, vão surgindo outros ao infinito, como as cabeças de Hidra, e não se poderá deter seu ritmo senão graças a um recurso especial da inteligência."*

> *"Com efeito, ao abordar essa questão, habitualmente caímos em outras mais complicadas, que são as da indivisibilidade da Providência, do curso do Destino, dos acontecimentos imprevisíveis, do conhecimento e da predestinação divinas e do livre-arbítrio, questões essas cuja dificuldade bem podes avaliar."* (pág. 116)

A Filosofia inicia explicando a diferença entre a Providência e o Destino.

> *" 'Tudo o que vem ao mundo, todos os seres sujeitos à mudança e à evolução, tudo o que se move de uma certa maneira, encontram sua causa, sua ordem e sua forma na estabilidade da inteligência divina. Esta, firme na cidadela de sua indivisibilidade, fixa uma regra multiforme ao governo do universo. Quando se considera essa regra do ponto de vista da pureza da inteligência divina, chamamo-la Providência; mas quando se a considera com reação àquilo que ela põe em movimento e ordena, é o que os antigos chamavam Destino. Ver-se-á facilmente que se trata de duas coisas diversas, se examinarmos a natureza de cada uma delas. Com efeito, a Providência é precisamente a razão divina que reside no princípio supremo de toda as coisas e que ordena o universo; quanto ao Destino, trata-se da disposição inerente a tudo o que pode mover-se, e pela qual a Providência reúne todas as coisas, cada uma no seu devido lugar."* (pág. 117)

Embora se trate de duas coisas diferentes, elas dependem uma da outra: o desenvolvimento do Destino procede da indivisibilidade da Providência.

> *"Com efeito, do mesmo modo que um artista começa representar mentalmente a forma de sua criação antes de passar para a realização, e além disso cumpre por etapas sucessivas aquilo que estava representado em suas linhas gerais, assim também Deus fixa pela Providência o que deve ser feito, uma só vez e definitivamente, enquanto o Destino organiza na multiplicidade e na temporalidade exatamente aquilo que foi fixado. Por conseguinte, que o Destino seja movido por espíritos divinos ao serviço da "Providência, ou que a trama do Destino seja urdida pela alma, pela natureza, que lhe é totalmente servil, pelo movimento dos astros no céu, pelo poder dos anjos ou pela habilidade multiforme dos demônios – que um só ou mesmo todos esses fatores venham a intervir -, o que é absolutamente evidente é que a forma imutável e simples do que se deve realizar é a Providência, enquanto o Destino é o entrelaçamento cambiante e o decorrer temporal daquilo que a simplicidade divina fixou para ser realizado."* (págs. 117-118)

A ação do Destino, no entanto, embora subordinada à da Providência, é tanto mais "livre" quanto mais alguma coisa se distancia da inteligência suprema e mais "limitada" na medida em que alguma coisa se aproxima do pivô do universo:

> *"Dessa forma, aquilo que o raciocínio é com relação à inteligência, e o ser criado ao ser absoluto, o tempo à eternidade, a circunferência ao centro, eis aí precisamente o que é a ordem variável do Destino comparada à unidade imutável da Providência."* (pág. 119)
>
> *(...)*
>
> *"Assim sendo, o universo é regido da melhor maneira dado que a indivisibilidade que é a sede da inteligência divina, produz um encadeamento inevitável de causas, e, por outro lado, esse encadeamento domina por sua imutabilidade os seres sujeitos à transformação, que, sem ele, estariam abandonados ao acaso. E é dessa forma que, mesmo se tua incapacidade de apreender o encadeamento das coisas leva-te a ver somente confusão e desordem em todas as coisas, tudo é regido por uma lei que orienta todas as coisas para o bem."* (pág. 119)

Se "alguma coisa" adere firmemente à inteligência suprema, desprovida de todo movimento, torna-se também imóvel e escapa à dominação do Destino."

Como não conseguimos compreender a complexidade e a justiça das ações do Destino, ficamos perplexos com as aparências.

> *"Por conseguinte, tudo o que vês acontecer aqui de contrário a tuas expectativas é na verdade a expressão da ordem que mais convém ao universo, mesmo se, a teus olhos, pareça ser uma desordem onde reina a confusão."* (pág. 121)

(...)

"A alguns, a Providência, segundo o seu temperamento, envia uma mistura de bens e males: ela atiça uns para evitar que uma felicidade muito prolongada os corrompa; permite a outros que sejam duramente golpeados, a fim de que suas virtudes se reforcem pela prática e pelo hábito da paciência. Uns temem mais do que deveriam os males que podem suportar; outros desprezam temerariamente penas que excedem suas forças; é para fazer com que uns e outros se conheçam melhor que Deus lhes envia essas provas. Uns adquirem ao preço de uma morte gloriosa o respeito dos homens por seu nome; outros, não se dobrando à tortura, dão exemplo a todos mostrando que os males não podem prevalecer sobre o mérito. Ora, que essas provas aconteçam como convém, de maneira ordenada e no interesse daqueles sobre os quais elas se abatem, não se pode duvidar." (págs. 121-122)

A compreensão total deste estado de coisas excede a capacidade humana.

"Pois há uma ordem geral que abarca todas as coisas; o que escapa de um lado aparece sempre de outro, a fim de que, no reino da Providência, nada seja deixado ao acaso, 'pois só um Deus poderia explicar esses mistérios?''Mas acho difícil falar dessas coisas como se eu fosse um deus.'[4] *Não há homem algum que possa compreender apenas com seus recursos nem explicar com palavras todo o mecanismo da obra divina. Que baste, portanto, ter compreendido apenas isto: é o mesmo Deus, criador de todos os seres, que dispõe todas as coisas orientando-as para o bem e que, do mesmo modo, assimila e mantém próximos a si todos os seres por ele criados, servindo-se do Destino para eliminar o mal de onde se exerce a atividade divina. E é dessa forma que, se observas a repartição que efetua a Providência daquilo que se acredita ocorrer ao acaso sobre a Terra, poderás ver que não há aí nenhum mal."* (págs. 123-124)

IV.13

"Vês agora qual é a conseqüência de tudo o que havíamos dito? 'Que conseqüência?', perguntei. E ela respondeu: 'Que não há Fortuna que não seja boa.' 'E como pode ser isso?', perguntei. 'Escuta-me', disse ela. 'Uma vez que a Fortuna, quer se mostre favorável, quer temível, tem por objetivo ora recompensar ou por à prova os bons, ora corrigir os malfeitores, ela é invariavelmente boa uma vez que é ou justa ou útil." (pág. 126)

Livro V

V.1

"Mal havia ela acabado de falar, começou a examinar outro assunto. Então eu lhe disse: 'Teus conselhos são sem dúvida certos e dignos de tua autoridade, mas o que acabas de dizer a respeito da Providência, isto é, que essa questão não pode ser tratada independentemente de muitas outras questões, pude eu próprio experimentar. Peço-te portanto que agora me digas se achas que o acaso existe realmente e, caso exista, em que ele consiste.' " (pág. 131)

A Filosofia começa a tratar o problema, dizendo que se por "acaso" se entende um acontecimento produzido acidentalmente e não por uma seqüência de qualquer tipo de causa, esta palavra é

---

[4] Homero, Ilíada

“absolutamente desprovida de sentido, salvo a significação da realidade a que ela se refere” porque *“nada pode ser feito a partir de nada.”*

A Filosofia recorre a Aristóteles, que na “Física” estabelece que acaso é o que acontece quando uma ação é realizada com determinado fim, mas algo além do que estava sendo procurado acontece por uma razão ou outra, como um agricultor que fura o solo e descobre um tesouro.

> *“Podemos portanto definir o acaso como um acontecimento inesperado, resultado de uma somatória de circunstâncias, que aparece no meio de ações realizadas com uma finalidade precisa; ora, o que provoca um tal conjunto de circunstâncias é justamente a ordem que procede de um encadeamento inevitável e tem como fonte a Providência, que dispõe todas as coisas em seus lugares e tempo.”* (pág. 133)

V.3

Boécio quer saber sobre o poder relativo do livre-arbítrio em relação ao Destino e a Filosofia lhe diz que aquele é tão maior quanto mais próximo da contemplação divina e menor quanto mais próximo da matéria.

V.5

Boécio, no entanto, está confuso em relação a este ponto e diz que, na sua opinião, *“o fato de Deus conhecer todas as coisas previamente e ao mesmo tempo existir o livre-arbítrio são duas afirmações completamente contraditórias e incompatíveis.”*

> *“Quanto às almas humanas, são necessariamente mais livres quando se mantêm na contemplação da inteligência divina, e menos livres quando descem para juntar-se às coisas corporais, e menos livres ainda quando se ligam à carne. E elas alcançam o fundo da servidão quando, levadas pelos vícios, deixam de ter posse de sua própria razão.”* (pág. 134)
>
> *(...)*
>
> *“E no entanto a compreensão da Providência, que prevê todas as coisas desde a eternidade, vê tais coisas e dispõe tudo o que está predestinado a cada uma, segundo seu mérito.”* (pág. 135)
>
> *(...)*
>
> *“Pois, se Deus prevê tudo e não se pode enganar de forma alguma, tudo se produz conforme a Providência previu. Deste modo, se ela conhece tudo previamente desde toda a eternidade, e não apenas as ações dos homens mas também suas intenções e suas vontades, não seria possível haver qualquer livre-arbítrio. Com efeito, não se produzirá nenhuma ação ou vontade, seja qual for, que não tenha sido prevista anteriormente pela Providência divina, que é incapaz de se enganar. De fato, se esses acontecimentos podem tomar outro rumo que aquele que ela previu, não falaríamos mais numa firme presciência do futuro, mas na realidade de uma opinião incerta, o que seria, no meu ponto de vista, um sacrilégio.”* (pág. 136)

Boécio contrasta as tentativas de resolver este problema que partem da premissa de que *“é porque algo deve acontecer que a Providência divina é instruída de tal fato.”*

> *“...em que a divina Providência poderia manter sua superioridade sobre a opinião humana se, a exemplo dos homens, ela julga incerto aquilo cuja realização é incerta? Mas, se do ponto de vista de Deus, a mais segura fonte de todas as coisas, não pode haver nada de incerto, os acontecimentos que ele previu devem acontecer com toda a certeza. E também não pode haver nenhuma liberdade nas decisões e nos atos dos seres humanos, que a inteligência divina, prevendo todas as coisas sem risco de erro, liga e encadeia a um*

desenrolar único. Se admitirmos tal raciocínio, veremos claramente a nulidade dos valores que daí resulta. Com efeito, seria vão proporcionar aos bons e aos malfeitores recompensas ou punições, pois seus feitos não se devem a nenhum movimento livre e voluntário da alma. E ainda pareceria ser o cúmulo da injustiça o que se considera uma justiça perfeita – falo da punição dos malfeitores e da recompensa dos bons -, já que eles não são levados a praticar o bem ou o mal por sua própria vontade, mas pelo fato de serem obrigados a uma necessidade certa de que assim será." (págs. 138-139)

V.7

A Filosofia faz notar que se o problema ainda continua obscuro é porque o *"encadeamento do raciocínio humano não se pode aplicar à simplicidade da presciência divina."*

> *"Com efeito, eu me pergunto por que não concedes nenhuma pertinência ao raciocínio daqueles que procuram explicar o problema e cuja opinião é que, dado que a presciência não é causa dos acontecimentos futuros, ela não impede de modo algum a existência do livre-arbítrio. Podes encontrar uma prova da necessidade das coisas futuras a não ser no fato de que as coisas conhecidas de antemão não podem deixar de se produzir? Conseqüentemente, se o fato de se conhecerem tais coisas antes não confere nenhuma necessidade às coisas futuras, caso que reconheceste há pouco, qual seria a razão pela qual a realização das coisas que dependem da vontade fosse dirigida forçosamente a um termo fixado anteriormente?"* (pág. 141)

A Filosofia pede a Boécio que considere que a presciência *"não importa nenhuma necessidade às coisas"*, mantendo-a inteira e absoluta liberdade da vontade.

> *"E a causa desse erro é que todos pensam que conhecem algo a partir das propriedades e da natureza do que é conhecido, enquanto o que ocorre é justamente o contrário. De fato, tudo o que é conhecido não é compreendido segundo suas características, mas sim segundo a capacidade daqueles que procuram conhecer."* (pág. 144)
>
> *(...)*
>
> *"O principal fato a ser considerado é que as faculdades superiores podem compreender as subalternas, enquanto estas não podem jamais elevar-se ao nível das que lhes são superiores. Com efeito, os sentidos não podem perceber nada além da matéria; a imaginação não é capaz de apreender a idéia geral da espécie; e a razão não pode conceber a forma absoluta. A inteligência, no entanto, como que pairando acima de todas as coisas, não apenas vê a forma absoluta como distingue também a matéria contida na forma, e da mesma maneira distingue o absoluto, coisa que as outras faculdades são incapazes de fazer."* (págs. 144-145)

V.9

> *"Eis, com efeito, como tu raciocinas: se a realização de certos eventos não parece certa e necessária, eles não podem ser conhecidos a priori com a certeza de que se realizarão. Por conseguinte, não há nenhuma presciência de tais acontecimentos e, se cremos que há presciência de tais acontecimentos, é preciso consentir que tudo acontecerá fatalmente. Se portanto nós temos a razão, que é partícipe da inteligência divina, devemos pensar que, do mesmo modo que a imaginação deve ceder à razão, é natural que a razão reconheça a superioridade da inteligência divina. Dessa forma, elevemo-nos, tanto quanto possível, ao nível dessa suprema inteligência; então, com efeito, a razão verá o que ela não pode ver em si mesma, o que concebe a presciência divina, com toda a precisão e certeza, mesmo que esses acontecimentos não se realizem, e apreenderá, não por uma simples conjectura, mas por uma intuição suprema, absoluta e sem limites."* (págs. 148-149)

V.11

"Todas as pessoas que vivem de acordo com a razão partilham da certeza de que Deus é eterno. Procuremos portanto ver o que é a eternidade, pois é ela que nos esclarece sobre a natureza divina bem como sobre sua sabedoria. Pois bem, a eternidade é a posse inteira e perfeita de uma vida ilimitada, tal como podemos concebê-la conforme ao que é temporal." (pág. 150)

(...)

"O olhar divino precede de longe todo o futuro, e ele o faz vir no presente segundo o modo de conhecimento que lhe é peculiar, sem passar, como tu crês, da presciência de uma coisa à outra, mas, de um só golpe de vista, ele prevê e abarca tuas mudanças sem se modificar. E Deus possui essa imediaticidade da compreensão e visão de todas as coisas, não da realização de acontecimentos futuros somente, mas de sua própria indivisibilidade. E é também dessa forma que podemos resolver a dificuldade que acabas de mencionar e que se baseia no sacrilégio de se dizer que nossas ações futuras fornecem a causalidade do saber de Deus. Na verdade, a natureza desse saber, que abarca todas as coisas num conhecimento imediato, fixa todas as coisas num limite sem depender em nada dos acontecimentos futuros. Sendo assim, os mortais conservam seu livre-arbítrio intacto, e não há nenhuma injustiça nas leis que propõem recompensas e punições às vontades que são absolutamente livres de toda necessidade. Aquele que nos observa do alto, que perdura eternamente, que tem a presciência de todas as coisas, é Deus, que, com a eternidade sempre presente de seu olhar, concorda com a qualidade futura de nossas ações distribuindo aos bons as recompensas e aos maus os castigos. E não é em vão que colocamos em Deus nossas esperanças e preces, as quais, sendo justas, não podem permanecer sem algum efeito. Afastai-vos portanto do mal, cultivai o bem, elevai vossas almas à altura de vossas justas esperanças e fazei chegar aos céus vossas humildes preces. A menos que queirais esconder a verdade, é grande a necessidade que tendes de viver segundo o bem, quando agis sob os olhos de um juiz que tudo vê." (págs. 155-156)

(Resumo feito por José Monir Nasser. Os trechos foram adaptados da edição "A Consolação da Filosofia" da Editora Martins Fontes, 1998, São Paulo, 1ª. edição, tradução de Willian Li).